

EDITORIAL / APRESENTAÇÃO

A ASPPE em seus 15 anos de existência tem acumulado várias experiências nas áreas de HIV/AIDS, violência sexual, sexualidade, saúde pública e direitos humanos entre outros temas.

Dentro de uma proposta que prevê ações de pesquisa, prevenção, capacitação e fortalecimento de equipes para o exercício de suas atividades, a organização busca formas de comunicação e ampliação das redes de contatos a ASPPE está lançando uma newsletter de divulgação de suas atividades, dos acontecimentos nas cidades da Baixada Santista. A idéia é criar um espaço de discussão para divulgar publicações, estudos, relatórios, pesquisas, opiniões e sites do mesmo foco de interesse.

Para que possamos alcançar nossos objetivos pedimos a colaboração de todos para nos ajudar a transformar esse espaço em um instrumento que possa ajudar a comunidade de uma forma clara e continua.

Tania Maria Justo
Presidente

8 de Março

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

História do dia 8 de março

Em 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada em Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancafidadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano. Naquele momento o tecido que estava sendo fabricado pelas mulheres era da cor lilás, que motivou a adoção dessa cor como símbolo do movimento pelos direitos das mulheres.

Porém, somente no ano de 1910, durante uma conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de março passaria a ser o "Dia Internacional da Mulher", em homenagem as mulheres que morreram na fábrica em 1857. Mas somente no ano de 1975, através de um decreto, a data foi oficializada pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Objetivo da Data

Ao ser criada esta data, não se pretendia apenas comemorar. Na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual. O esforço é para tentar diminuir e, quem sabe um dia terminar, com o preconceito e a desvalorização da mulher. Mesmo com todos os avanços, elas ainda sofrem, em muitos locais, com salários baixos, violência masculina, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional. Muito foi conquistado, mas muito ainda há para ser modificado nesta história.

Leia com atenção!

Em seminário realizado em Niterói, jovens portadores do HIV criticam o fato de soropositivos precisarem abandonar casas de apoio em que vivem ao completarem 18 anos.

De doença mortal há poucas décadas atrás, hoje a Aids é encarada como uma doença crônica. No entanto, crônico também parece ser o preconceito que cerca as pessoas soropositivas. No Seminário "Confissões de Jovens Vivendo +", organizado por jovens que vivem com HIV e coordenado pelo Grupo Pela Vida de Niterói, Rio de Janeiro, esse foi um dos temas de destaque. Além das dificuldades que encontram na escola, na família, nos centros de saúde e na busca por emprego, os jovens têm que lutar até mesmo dentro das organizações para pessoas soropositivas, tentando obter visibilidade para suas questões. "Nós não somos ouvidos", disse Micaela, de 20 anos.

Saída da casa de apoio, um tema polêmico

A mesa que mais mobilizou jovens, integrantes de ONGs e profissionais de saúde presentes ao Seminário, realizado no dia 13 de fevereiro, foi a que discutiu o tema "Casa de Apoio". Micaela fez parte dessa mesa. Ela viveu 14 anos em uma casa de apoio de São Paulo e sua saída foi traumática. "Na casa de apoio a gente constrói uma família, mas aos 18 anos tem que sair de lá e voltar a viver com o que restou da nossa família genética, com a qual não temos laço algum", contou.

Essa experiência é vivida por muitos jovens que nasceram com o HIV e atemoriza mais do que a própria doença. Ana*, de 16 anos, vive em uma casa de apoio no Rio de Janeiro e morre de medo de ter que viver com sua mãe, que ela mal conhece. "Não gosto dela, não tenho a menor intimidade com ela", disse, já propondo uma solução: "Acho que a casa de apoio tem que envolver mais a família das crianças e jovens que vivem lá, tem que promover maior contato. A gente só vê alguém da nossa família – quando vê – uma vez por semana durante duas horas. Isso não é convívio!"

À procura de soluções

Alex*, 16 anos, e Pedro*, 15 anos, vivem na mesma casa que Ana e se perguntam todos os dias o que acontecerá quando completarem 18 anos. "A única pessoa que me visita é minha irmã, que é casada e tem a vida dela. Não tenho ligação com ela, e sim com o pessoal da casa de apoio", diz Alex. Pedro acha que a lei que diz que o jovem deve voltar a viver com a família ao completar 18 anos tem que acabar. Ele enfatiza que já vê algumas mudanças de atitude nos dirigentes da casa onde mora. "Agora os jovens são matriculados em cursos profissionalizantes", revelou.

Além de promover mais contato com a família, é preciso estimular a independência dos jovens. Tom, 22 anos, que viveu em uma casa de apoio de São Paulo e não conseguiu se adaptar a viver com a avó, acredita nisso. "A família cobra nossa colaboração no orçamento familiar e, quando você é tutelado por uma instituição, a procura por emprego fica ainda mais difícil", disse. "Eu acabei indo morar na rua".

Karina, 20 anos, não viveu em casa de apoio, mas contribuiu com algumas sugestões. "Curso de capacitação é ótimo, mas não garante emprego. Acho que no orçamento das casas de apoio deve ser incluída uma ajuda de custo para os jovens que saem de lá. Assim, eles terão como contribuir com a família até arrumar um trabalho", disse ela. Outra ideia de Karina é a criação de repúblicas para os jovens soropositivos que se iniciam na vida adulta.

"Eu preciso falar"

Micaela contou que mais do que problemas financeiros, o que mais a abalou quando saiu da casa de apoio foi a perda do afeto. "Se eles sempre me trataram como filha, como é que aos 18 anos simplesmente me dizem tchau?", perguntou. "Na casa, eles fazem tudo por nós, eles são tudo para nós. A gente sai de lá sem ter nenhuma outra experiência de vida. É muito difícil mudar de uma hora para outra"

Micaela, que faz parte da rede de jovens soropositivos, assim como os outros jovens dessa reportagem, não se cansa de debater o assunto. Levá-lo para os Encontros Regional e Nacional de ONGs é uma prioridade. "A gente vai continuar falando. Vai ficar cansativo, mas isso tem que mudar". Sua fala finalizou o Seminário, que se estendeu depois com muita dança, pizza e gargalhada. Mesmo enfrentando questões tão complexas, os jovens seguem cheios de entusiasmo e disposição para mudar o que consideram errado e estagnado.



Programa-se!

A programação da "Semana da Mulher" segue com várias atividades de segunda até sexta-feira, quando ocorrerá o "7º Encontro Metropolitano de Mulheres" no anfiteatro da Unisanta (Rua Cesário Mota, 8 - Boqueirão), das 8h30 às 14h30. O tema "Ontem, ilusões de menina... Hoje, realidade de mulher" é focado no público adolescente.

A prefeitura também promove atividade de formação para profissionais que atuam na rede municipal de saúde. Nos dias 12 e 13, no Flat Gonzaga (Rua Jorge Tibiriçá, 41), acontece o evento "Pré-Natal: Prevenção para a saúde da mulher", quando será lançado o protocolo de pré-natal da Secretaria de Saúde. O atendimento às gestantes portadoras do HIV será abordado pelo ginecologista João Francez.

Este é um informativo eletrônico do site da ASPPE : <http://www.asppe.org>

[Clique aqui](#) caso você não queira mais recebê-lo em seu e-mail.

Para garantir que nossos comunicados cheguem em sua caixa de entrada, adicione o email informativo@asppe.org ao seu catálogo de endereços.

Perguntas ou comentários? Envie um email para informativo@asppe.org ou ligue para 13 32243947